

VIVENDO O OUTRO LADO E UM DIA DE SUBSTITUTO

Januário Chirieleison Fernandes*

O texto traz duas narrativas escritas como parte das atividades de estágio da disciplina Prática de Ensino de Geografia I e II do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, cursadas, respectivamente, no primeiro e no segundo semestres do ano letivo de 2008. Ambas foram escritas para narrar algo marcante da experiência no estágio relacionado com a formação e o trabalho docentes na perspectiva do estagiário, aluno de Licenciatura, futuro professor de Geografia. “Vivendo o outro lado” trata da experiência no estágio com uma professora de Geografia que não desiste da sua função de educadora diante das adversidades em uma escola pública de ensino fundamental e que leva o estagiário a se colocar no lugar dos seus professores quando ele era aluno. Em “Dia de substituto” é narrada uma “guerra” vivida pelo estagiário em uma classe de ensino médio no dia em que a professora faltou e ele precisou substituí-la, sozinho, nos cinquenta minutos mais longos da sua vida. Por razão ética, os nomes das professoras foram substituídos por nomes fictícios.

VIVENDO O OUTRO LADO

No dias em que acompanhei as turmas da professora Sueli, pude presenciar o seu esforço para passar uma boa educação não só de geografia para aqueles meninos de 7.a e 8.a séries. Às vezes parecia que eles de recusavam a aprender e isto me fez refletir sobre a postura que eu tinha enquanto aluno.

Vendo a angústia daquela professora que desesperadamente tentava fazer com que seus alunos aprendessem, comecei a refletir se os meus professores também não sofriam com a minha desatenção. Por outro lado, penso se, assim como o meu déficit de atenção demorou a ser diagnosticado e me impedia de estar totalmente presente nas aulas, aqueles alunos que às vezes até me assustavam na sala de aula da professora também não padeciam do mesmo problema.

Também refleti muito sobre o papel da mídia e da atual sociedade de consumo nesse problema. A sociedade de consumo cria necessidades materiais e desigualdades sociais que obrigam as pessoas adultas a trabalharem cada vez mais em busca do sustento de suas famílias, não tendo tempo assim de cuidar da educação, em sentido amplo, de seus filhos.

* Licenciado e bacharel em Geografia formado pela Universidade Federal de Uberlândia. Endereço eletrônico: januariocf@gmail.com

A mídia, movida por essa sociedade de consumo, “despeja” informações de uma forma frenética, fazendo assim com que os alunos se acostumem a prestar atenção por pouco tempo em um determinado assunto, pois nos meios de comunicação de massa os assuntos são jogados de forma rápida, resumida e fragmentada. Quando a criança entra na sala de aula e é obrigada a prestar atenção por cerca de cinquenta minutos em um mesmo assunto, ela não consegue.

Acompanhando as aulas como estagiário, percebi que pelo baixo tempo de atenção dos alunos, a metodologia mais usada pela professora era a de ensinar por meio de exercícios, ou seja, primeiro eram propostos exercícios, os alunos pesquisavam o material didático, respondiam e, por fim, a professora discutia as respostas das questões do exercício proposto.

Em algumas turmas em que a professora percebia um maior interesse por parte dos alunos, ela primeiro provocava uma discussão sobre o assunto a ser trabalhado na aula. Essa discussão era feita a partir de algum material, como o livro didático, jornais e às vezes, filmes. Depois ela passava algumas questões sobre o assunto discutido para os alunos resolverem e, para finalizar, discutia com a classe as respostas apresentadas pelos alunos.

O dia que mais me marcou durante o estágio foi quando a professora precisou separar a turma na sala entre aqueles que queriam participar da correção dos exercícios e aqueles que não queriam. Isso me mostrou o ponto desesperador em que chegou a educação em nosso país. Fez-me ver a necessidade urgente de bons professores e, principalmente, me questionar se estou pronto para ser professor e se é isso que quero para a minha vida profissional. Também me deixou muito mal impressionado a agressividade dos alunos dentro da escola. Como em um episódio, durante o tumulto no corredor durante a troca de aulas, em que vi um aluno empurrando uma professora e os dois se agredindo verbalmente quando ela tentava passar para se dirigir a outra sala.

No breve período em que estive como estagiário na escola percebi que as ações educativas dos professores são muitas vezes limitadas pela direção da escola ou até mesmo pela Secretaria de Educação. Um exemplo disso é a “recomendação” de não reprovar. Com isso, o professor perde uma de suas “armas” para lidar com os alunos desinteressados e indisciplinados e, uma vez que não se pode reprovar e a avaliação ainda não adquiriu a sua função educativa, ela passa a ser apenas um documento oficial sem nenhuma função além daquela de cumprir a bur(r)ocracia escolar.

A esse respeito, presenciei fatos no mínimo inusitados na escola. Como o da professora contanto que os pais brigam com os professores quando seus filhos tiram notas baixas. O aluno jogar a culpa no professor é corriqueiro. Agora, os pais... Isso foi demais para mim. Talvez esses pais precisem ir à escola com seus filhos por uma semana para descobrirem de quem é realmente a responsabilidade pelas notas baixas.

Para fugir de todo esse problema da educação como sendo um “comércio de notas”, a professora Sueli desenvolve alguns projetos com seus alunos na escola. Um deles é o plantio de árvores e outro é a construção de uma grande rosa-dos-ventos no pátio da escola.

O primeiro projeto consiste no plantio pelos alunos, organizados em grupos, de mudas de árvores selecionadas em algumas áreas escolhidas da escola. Depois do plantio das mudas, cada grupo fica encarregado de cuidar da sua pequena árvore. Quando elas crescerem, serão construídos bancos e mesas sob a sombra das árvores para serem usados em aulas fora da sala. E esse “cantinho” seria passado de uma turma para outra e seus responsáveis teriam também a tarefa de manter o local limpo e livre de lixo. Com esse trabalho, a professora está ensinando a seus alunos valores de civilidade, pois ensina aos mesmos cuidarem de algo para o bem próprio e daqueles que ainda virão.

Pelo outro projeto que a professora realizaria com seus alunos, seria traçada e pintada no chão do pátio da escola um rosa-dos-ventos indicando as direções cardeais e colaterais no lugar, onde poderiam ser realizadas atividades de alfabetização cartográfica, como os exercícios de localização e orientação utilizando mapas e a observação de pontos de referência, com todas as crianças da escola, que atende alunos também das séries iniciais do ensino fundamental.

Atitudes como estas da professora Sueli mostraram-me que, apesar de o professor sozinho não poder resolver todos os problemas da escola e da educação, ele é um importante agente mobilizador. Foi pensando nisso que eu descobri o porquê de apesar de tantas dificuldades, tantas pessoas continuarem se dedicando ao magistério, que é a melhor forma que temos para colaborar para um mundo melhor.

DIA DE SUBSTITUTO!

O maior desafio ao entrar em uma sala de aula é conseguir ao mesmo tempo conquistar a confiança, o respeito e a atenção dos alunos.

Quando entrei na sala, sozinho, e falei para os alunos que a professora não viria e que eu daria a aula, parecia que uma guerra havia sido deflagrada. Nesse momento olhei para a porta e a minha vontade foi de sair correndo. Mas não tinha jeito, eu estava na jaula dos leões e tinha que enfrentá-los para não ser devorado. Comecei a conversar com eles sobre o tema da aula. Para ser sincero, eu falava para eles, porque se eles me ouviam ou não é era outra história. Às vezes eu falava alto para chamar a atenção deles. Isso tinha uma grande eficiência por uns três ou cinco... segundos. Mas eu tinha que continuar. Não podia simplesmente me sentar e deixar que eles soltassem uma bomba nuclear no meio da sala. Foi aí que, como no estágio no ensino fundamental, pensei:

– Como meus professores sofriam!

Respirei fundo e comecei a ministrar a aula. Ou, pelo menos, tentar. Escrevia os tópicos a serem trabalhados no quadro negro, o que não foi a melhor das ideias, pois minha letra não é exatamente uma obra de arte e eu escrevo à incrível velocidade de uma tartaruga manca no meio de uma crise de reumatismo. Novamente a revolução começou na sala. Nessa hora eu pude entender bem aquela história de que o predador sente o cheiro do medo da presa.

Eu tremia, minha voz ficava mais rouca e abafada do que já é e parecia que a Alemanha tinha declarado guerra ao Reino Unido e a sala estava dentro da II Guerra Mundial.

Dessa maneira, os cinquenta minutos mais longos que eu já vivi foram se arrastando... De repente, acontece algo que salva a minha vida. O sinal toca e a aula acabou! Respiro profundamente, sabendo que ainda estou vivo e que na próxima batalha a ONU, também chamada de professora Maria Lúcia, estaria na sala de aula para intervir pela minha alma.

Texto recebido para avaliação em 15/07/2010 e aceito para publicação em 04/08/2010.